Ano XIX — Lisboa, Maio de 1963 — N.º 217

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

CAPACIDADE



É princípio na generalidade aceite, e até fàcilmente demonstrável, que a capacidade, isto é, a possibilidade de executar qualquer coisa ou de apreender ou conceber determinado sentimento, é variável de indivíduo para indivíduo.

Não custa provar igualmente que essa mesma capacidade pode ser desenvolvida, por meio do estudo, do exercício ou do aperfeiçoamento de determinadas percepções ou movimentos, chegando-se a atingir, através da utilização de certos expedientes, resultados muito compensadores na elevação das aptidões individuais. Este facto leva-nos a concluir que qualquer pessoa nunca está apta a colocar ao serviço das suas funções a integralidade dos recursos que a sua compleição física ou intelectual lhe permitiria alcançar.

A instrução e a educação são os meios utilizáveis para produzir a elevação do nível dessas capacidades. A História dá-nos exemplos notáveis do que é possível conseguir com o treino aturado de certas faculdades para obter eficiência numa dada acção. Há o caso, verdadeiramente extraordinário, de Demóstenes que, com exercícios inteligentemente concebidos e executados, logrou aperfeiçoar o tom de voz, a princípio áspero e desagradável, e corrigir atitudes estèticamente desvaliosas, tornando-se assim o maior entre os celebérrimos oradores da Antiguidade.

Tudo é susceptível de ser aperfeiçoado: a destreza, a resistência, a inteligência, a memória, o gosto. Os especialistas estão aptos a indicar os processos apropriados para adquirir o desenvolvimento das faculdades humanas. A vontade e a persistência têm obrado verdadeiros milagres no capítulo do robustecimento dos talentos individuais. Os artistas de circo, por exemplo, estão constantemente a provocar a admiração do homem comum com a realização de exercícios que, tendo em conta as possibilidades humanas, se nos apresentam como visões inconcebíveis. No entanto, nada mais são que o fruto de uma preparação e treino adequados.

Também, no aspecto das faculdades intelectuais, causa assombro o que é possível alcançar-se com o aperfeiçoamento da capacidade de admirar. Ao espírito tacanho ou inculto, nada diz a beleza das estâncias de um poema, nem os movimentos harmoniosos de um bailado. Uma sinfonia de Beethoven, que tanto enleva a sensibilidade de um espírito familiarizado com a arte dos sons, deixa enfadado, ou pelo menos indiferente, quem esteja pouco afeito a essa nobilíssima manifestação de cultura. Verifica-se, assim, que, perante iguais estímulos, as sensibilidades reagem de maneira diferente, consoante o apetrechamento cultural de que dispõem.

O mundo de hoje está colocado ante a indispensabilidade de serem concretizados certos anseios que, até há poucos anos, não passavam de meras lucubrações da fantasia ou da imaginação. Em todas as actividades humanas surge a peremptória necessidade de serem dirimidos problemas, cuja persistência constitui uma ameaça para a sociedade humana, ou, pelo menos, uma acusação de impotência dos meios de que a Humanidade dispõe para obter o equilíbrio e a tranquilidade no seu seio.

Tal estado de coisas faz com que se exija do indivíduo uma preparação cada vez mais cuidada para se encontrar em condições de colaborar, com mais eficácia, no impulso que é indispensável dar à sociedade humana na caminhada para as paragens do Ideal. Dia após dia, mais se impõe que o indivíduo se aperfeiçoe, a fim de obter capacidade

——→

Assinantes Patrocinadores

Temos registado diversas adesões espontâneas de amigos dedicados de «Sempre Pronto», que desejam ser considerados PATROCINADORES como expressão do seu interesse pela acção do nosso Jornal. Todos o fazem de maneira simpática, acompanhando a sua adesão de palavras amigas e de estímulo, que muito agradecemos e nos animam bastante no esforço em que estamos empenhados.

Este mês recebemos e agradecemos a seguinte:

Sr. Júlio dos Santos Trindade, antigo escoteiro do Grupo 1;

Necessàriamente que esperamos um maior número de adesões a este apelo e sabemos que muitos dos nossos mais dedicados leitores estão prontos a dá-la e só a falta de tempo e de oportunidade impede que metam um postal no correio. Por este motivo, e a fim de facilitar, enviamos a todos os nossos assinantes um postal-impresso SEM FRANQUIA, onde bastará escrever o nome e a morada e meter no marco postal SEM SELO. Pedimos aos nossos leitores para que se não sintam coagidos a subscrever o aumento da quota de assinatura de vinte para TRINTA ESCUDOS. Embora se trate de uma contribuição total de 2$50 por cada número, desejamos e pedimos que só a subscrevam aqueles que sintam vontade de cooperar mais estreitamente neste empreendimento e o possam fazer sem sacrifício material. Portanto, este apelo é destinado particularmente aos nossos amigos.

A todos desde já alargamos o nosso agradecimento e da mesma forma agradecemos àqueles que o desejariam fazer mas não podem neste momento aumentar as suas despesas.

O filme sobre a vida de Baden-Powell

Segundo disse o Chefe Gilberth, de San Salvador, que recentemente nos visitou, estão muito adiantados os trabalhos relacionados com o filme sobre a vida de Baden-Powell. O conhecido actor David Niven desempenhará o papel de B. P.

A atriz designada para representar no filme o papel de Lady Baden-Powell esteve em Inglaterra e viveu durante algum tempo com a viúva do Fundador para através do convívio conhecer e adaptar os gestos, voz e expressões habituais daquela que vai representar.

Falta de Espaço

Por falta de espaço ficou muito noticiário retido, do que pedimos muita desculpa.

CAPACIDADE

suficiente para corresponder àquilo que dele se solicita, sob pena de ser atirado na competição da vida para uma posição desfavorável no meio social.

Escolas, institutos, faculdades, pululam de gente moça, sequiosa de saber, de profundar conhecimentos, de experimentar aptidões. São esses os homens que, no amanhã, terão sobre os ombros a responsabilidade de dar uma feição mais próspera e feliz a este conturbado planeta.

Todavia, não é demais insistir que não está apenas no apetrechamento técnico ou científico a chave da resolução dos problemas humanos. Há ainda a ingente necessidade de se prover à modulação dos caracteres dessa juventude, de forma que se encontre na confiança, na cooperação, na fraternidade os elementos fundamentais desse mundo do futuro.

É na satisfação desses requisitos que o Escotismo se tem revelado incontestàvelmente um sistema ímpar. B.-P. aponta até esse objectivo como o alvo do movimento que fundou. «*A finalidade do treino escotista* — diz ele — *é a de aperfeiçoar o padrão dos nossos futuros cidadãos, em especial quanto ao carácter e à saúde; substituir o individualismo por espírito de serviço; tornar os rapazes individualmente eficientes, tanto moral como fisicamente, a fim de utilizarem essa eficiência no serviço do próximo*».

São estes princípios, cuja objectividade se reconhece em todos os países onde o Escotismo atingiu a maioridade, que desejaríamos ver aplicados com maior amplitude entre nós.

A força deste movimento no forjar de capacidades, no robustecimento da saúde e do vigor físico, na obtenção de destreza, na formação do carácter, é garantia de que a nossa mocidade, com o exercício de tão salutares práticas, se encontraria no melhor caminho para a realização das tarefas que lhe vão ser exigidas para a construção do mundo de amanhã.

JOEL RIBEIRO

DOS AÇORES

Grupo n.º 52 — Angra do Heroísmo

REUNIÃO ANUAL DOS ESCOTEIROS AMERICANOS

Comemorando o 53.º aniversário da sua associação, realizou-se, no dia 7 de Março passado, no salão Lisboa do Destacamento Americano das Lajes, a festa anual da divisão escoteira americana (Grupo 1) dos «Boy Scouts of America» com a comparência dos escoteiros e de seus pais, sendo convidados os comandantes de todas as unidades militares das forças americanas estacionadas na B. A. 4, e os chefes Moniz Silva, dos Escoteiros de Portugal, e V. H. Fragueiro, do C.N.E.

Na mesa da presidência, encontrava-se o E. C. Alford, tendo à sua direita o Capitão-de-Mar-e-Guerra Coleman (Comandante-Adjunto das Forças Americanas nos Açores); o chefe Fragueiro do C. N. E., e o Chefe Camery; e à sua esquerda, o chefe Blanton, o Major Pinõn, o chefe Moniz Silva da A. E. P., o sarg. Lovell e o chefe-adjunto Craig Lovell.

Depois do jantar, foi pelo presidente Alford apresentado o orador da noite, Cap. Coleman, que proferiu uma brilhante alocução sobre as excelências do Movimento Escotista.

Seguiu-se a distribuição de várias insígnias de classe e de especialidade, assim como outras recompensas a dirigentes e escoteiros.

Falaram depois alguns dirigentes do Grupo 1 sobre as diligências que se têm feito e que se pretendem fazer no sentido de melhorar e oportunamente completar as instalações básicas do campo escotista permanente das Fajãs, nesta ilha, terminando por solicitar auxílio da parte das entidades que o possam fazer, no sentido de se conseguir levar a bom termo tão louvável projecto, que irá em benefício de todos os grupos escotistas desta ilha,, e até dos Açores em geral.

Referiram-se também alguns oradores à Boa Acção Colectiva anual, que há anos se vem realizando em conjunto pelo Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal e pelo Grupo 1 dos «Boy Scouts of America», e às diligências que estão sendo efectuadas no sentido de conseguir a necessária ampliação. — *C.*

O aperto de mão esquerda

O neto de um Chefe Ashanti, que combateu contra Baden-Powell, contou a sua história.

Quando o chefe Ashanti se rendeu, como sinal de amizade, Baden-Powell estendeu-lhe a sua mão direita. O Chefe Ashanti, contudo, insistiu em apertar as as mãos esquerdas, explicando que os mais bravos dos bravos apertam as mãos com a mão esquerda, pois para assim poderem fazer têm de lançar fora a sua maior protecção, o seu escudo».

Foi esta a razão por que, quando B. P. fundou o Movimento Escoteiro, dedicado ao «fair play» e à tolerância, decidiu que a saudação dos seus membros fosse o aperto da mão esquerda em vez do tradicional aperto da mão direita.

Para Baden-Powell, o aperto da mão direita simbolizava um gesto de amizade. Porém, um aperto de mão esquerda demonstrava alguma coisa mais nobre ainda — pois significava o desejo dos homens acreditarem uns nos outros.

Boy Scouts of Canada
P. R. BULLETIM

«O Sistema de Insígnias na Formação Escotista»

A Escola Central de Chefes da A. E. P. editou em separata de «Sempre Pronto» este artigo da autoria do nosso estimado colaborador Sr. Eng.º José Maria Nobre Santos, director daquela Escola, e que foi publicado no nosso número 206.

Também a revista «Siempre Listo» dos Scouts de España, de Valência, nos honrou com a tradução e inserção deste mesmo artigo. Ao seu Director, o nosso amigo Sr. Vicente Tarazona Tomás, o nosso agradecimento.

A União dos Escoteiros do Brasil saúda a Associação dos Escoteiros de Portugal

Por intermédio do Sr. Dr. Francisco Negrão de Lima, ilustre Embaixador do Brasil em Portugal, foi recebida na A. E. P. a seguinte saudação, atenção gentil e amiga dos nossos irmãos do Brasil, subscrita pelo digno Presidente da sua Direcção Nacional, Sr. Dr. Fernando Mibielli de Carvalho.

Por intermédio do Embaixador Francisco Negrão de Lima, grande admirador e cooperador do Movimento Escoteiro, vimos apresentar a nossa fraternal saudação aos irmãos Escoteiros de Portugal com nosso desejo de «feliz acampamento» e votos por um desenvolvimento cada vez maior do Escotismo nessa nação amiga, pátria-mãe do Brasil.

Rio de Janeiro-GB, 2 de Abril de 1963

(a) FERNANDO MIBIELLI DE CARVALHO
PRESIDENTE

ANTIGOS ESCOTEIROS

Tertúlia do Dia de S. Jorge

Na sala de jantar, por debaixo da lápida evocativa das reuniões do dia 23, viam-se a bandeira nacional e o estandarte da Fraternal. Elevado número de companheiros presentes entre os quais se contava o Escoteiro-Chefe Gonzalez Ulloa, da República de S. Salvador. Após o jantar, o companheiro Dr. Eugénio Ramos apresentou o companheiro Ulloa, que expressou depois a sua satisfação por se encontrar entre nós no prosseguimento das suas visitas às associações escoteiras da Europa e da Ásia, procurando estreitar relações de amizade no espírito de fraternidade de Baden-Powell.

Seguidamente, o sr. dr. Eugénio Ramos apresentou o palestrante da noite, Eng.º José Maria Nobre Santos, que dissertou sobre «S. Jorge e o treinamento das suas virtudes no Escotismo». Começou por dizer que com a expansão do Movimento Escotista no Mundo a diferença de raças humanas e de credos religiosos impediu que nem todos tivessem podido adoptar S. Jorge como patrono dos Escoteiros, já que este se encontra ligado à cristandade. Disse ainda que isso não impedia que todos reconhecessem a necessidade de desenvolver as virtudes que estão personificadas no santo, o que afinal constituía o principal objectivo do Escotismo.

Referiu se ainda ao facto de não estar esclarecida a existência ou não existência do santo e afirmou: «Quer o considerem como tendo existido realmente ou como um ser lendário, a todos interessam essas virtudes e actuações que ele possuía e praticou ou que nele estão personificadas. Para todos é, pois, possível a aceitação desse patrono mundial do Escotismo.

«Feitos estes considerandos introdutórios, vêm-me à mente as seguintes perguntas:

— Quais as virtudes do homem, personificadas em S. Jorge, que serviram de base a B. P. para a sua escolha como patrono do Escotismo?

— Como consegue o Movimento escotista desenvolver essas qualidades no rapaz?

«Quanto à primeira pergunta deverão lembrar-se: — o amor pelo próximo e o desejo de lhe ser prestável, auxiliando-o nos momentos difíceis;

— A honra, ligada ao cumprimento da palavra dada e da decisão de lutar pelos altos ideais da humanidade, mesmo com risco da própria vida;

— A fé e a crença nesses ideais como definidores da razão de ser da nossa existência e imagem do que o Deus Criador deseja que nós sejamos;

— A lealdade, a amizade e a cortesia, como elementos indispensáveis para que, como homens, consigamos melhor levar avante as nossas tarefas próprias e aquelas em que intervêm outros seres humanos;

— A obediência, disciplina e persistência, internas e externas, para que melhor se consiga levar a cabo os trabalhos iniciados;

— A alegria que resulta de saber que se está cumprindo um dever, de acordo com os nossos ideais; e que terá de se traduzir no lema «sempre sorrindo às dificuldades» pois o sorriso nos lábios dum lutador e já meia vitória ganha, e, porque não é com zangas desordenadas e perrices, digamos assim, que se consegue fazer alguma coisa dentro dum nível elevado de existência e actuação;

— A pureza de sentimentos e actuações, como culminância das nossas maneiras de ser e dos nossos ideais.

«Todas estas qualidades as possuía S. Jorge; todas elas transparecem nas várias fases e actuações da sua vida, quando por amor ao seu semelhante resolve defender a donzela que ia ser devorada pelo dragão.

Depois de ter exposto as virtudes evidenciadas por S. Jorge, continuou:

«Por tudo isso, foi escolhido pelo Fundador para servir de modelo aos Escoteiros, e, no Compromisso que estes fazem e na Lei que se comprometem a cumprir, estão bem expressas todas essas qualidades, servindo de código orientador das normas da vida dum Escoteiro.

«Vimos, ainda que a traços largos, o porquê da escolha.

«Procuremos, agora, dar uma resposta à segunda pergunta, atrás formulada.

«As qualidades da personalidade de S. Jorge atrás enumeradas, definem o seu carácter — dão uma ideia da sua maneira de ser, daquilo que foi capaz de fazer. Em relação a S. Jorge elas sintetizam as características duma personalidade de alto quilate.

«Isso é o que o Escotismo pretende desenvolver no rapaz. O objectivo do Escotismo é a *formação* de homens de bom e forte carácter; como o consegue? *Treinando* e *exercitando* essas qualidades através de actividades de toda a ordem que tal proporcionem, quer no campo, na cidade, na Sede do Grupo ou em casa, quer na rua ou no emprego.

«O objectivo é a *formação* do Homem através dum *treinamento* prático, activo e tão real quanto possível. Não interessa aprender nos livros, saber e compreender bem as matérias, papagueando-as muito bem. Quando se diz que o Escoteiro deve ser prestável e amigo dos outros, quer-se que a actuação do dia a dia, em todos os momentos, confirme tal regra. O que se diz em relação ao desejo de auxiliar os outros ou da amizade para com eles, diz-se em relação a todos os outros predicados: Honra, lealdade, cortesia, obediência, disciplina, pureza de sentimentos, etc.

«Se exigirmos que o rapaz nos faça uma boa prova escrita ou oral, explicando e dando exemplos de como se põem em acção essas qualidades do Homem, estaremos a exigir que ele mostre os seus grandes conhecimentos sobre a matéria, daremos expansão ao exercício da sua memória, como parte integrante da sua inteligência e personalidade, mas não estaremos a praticar Escotismo, nem estaremos a *formar* o Homem. Esse só se *forma* pela actuação e prática insistente de *tarefas* onde essas qualidades tenham de intervir para a sua cabal e completa execução.

«Isso é o que dá a característica de *Movimento* ao nosso Escotismo. Nele *forma-se treinando* ou *praticando*. Os exercícios deverão ser graduados de acordo com as possibilidades do rapaz, para que a *formação* vá evoluindo e completando-se, à medida que se insiste e renovam as experiências.

«Não quero alongar-me muito e, por isso, só alguns exemplos:

«Queremos desenvolver o espírito de colaboração entre os rapazes? Organize-se um jogo, ou tarefa que só possa ser capazmente levada a efeito se houver essa colaboração: o simples levantar de um mastro que um só não pode executar será um bom exercício; o enfiar de um anel de borracha que está a ser puxado por vários rapazes através de cordas de modo a ser enfiado num poste colocado no meio dum círculo onde se não pode entrar e sem que o poste possa ser derrubado, é outro exemplo.

«Se dermos a essas tarefas ou jogos um fim palpável, o interesse pela sua realização será maior e o rapaz terá uma maior sensação de que está actuando num caso real e com préstimo à vista. No exemplo do levantar do mastro, ele poderá servir para o içar da bandeira, ou para um mastro de sinalização; no caso do anel de borracha, atrás referido, poderá essa tarefa fazer parte de um jogo em que uma Patrulha terá de ir buscar uma carga atómica (o poste) que não pode ser tombada nem aproximada dentro da área do círculo. Se a colaboração não for eficaz, se cada um começar a puxar desordenadamente, haverá uma grande probabilidade do poste cair e arriscamo-nos a assistir a uma «explosão atómica». Se «ela» se der, não serão necessárias grandes arengas para mostrar que a colaboração não foi eficaz; os rapazes senti-lo-ão perfeitamente e talvez para a próxima brincadeira — a sério procurem actuar mais em conformidade com as exigências.

«Nos exemplos anteriores há ainda lugar para o treino da direcção das operações por parte do Guia e do treino do sentido de obediência e da disciplina por parte dos outros rapazes. E que alegria eles sentem ao verem que conseguiram içar o poste ou retirar a «carga atómica»!...

«Os exemplos poderiam surgir indefinidamente, mas a rematar quererei só beliscar ao de leve num assunto que julgo deve ser meditado por todos nós, Antigos Escoteiros, homens que passámos pelo Escotismo.

«A nossa actuação e a dos dirigentes escotistas, deverá medir-se pelos resultados práticos obtidos. Hoje, mais do que nunca, é impossível levar a efeito tarefa grandiosa como a do Escotismo, à custa de esforços isolados e desconexos; exige-se uma real compreensão dos nossos deveres, duma conjugação eficaz de esforços concorrentes à anulação das dificuldades que sempre e em qualquer tarefa surgem. Teremos nós e todos os responsáveis, presentes e passados, feito tudo o que deles era de esperar? Teremos sabido aplicar, dentro das novas posições, categorias ou circunstâncias, aquilo que deveremos ter *aprendido* e *treinado* para conseguirmos a nossa *formação*?

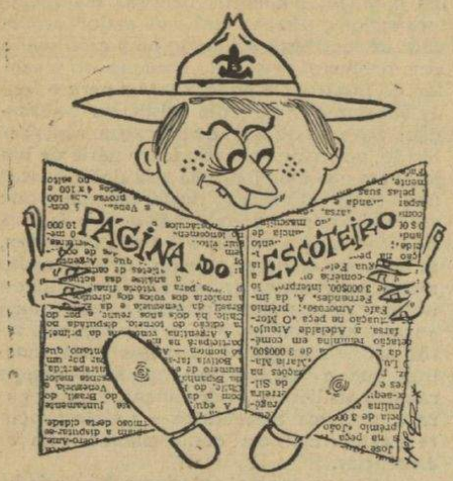
«A resposta fica a cargo de cada um. Mas se os resultados não forem brilhantes deverá procurar-se saber em que escalão cada um se deixou ficar:

No da aprendizagem simples e livresca ou no treinamento incompleto? Em qualquer dos casos a *formação* não atingiu o ponto necessário, e, então, há que prosseguí-la, pois que isso será possível até ao fim da vida, e convirá que aproveitemos o tempo que nos resta, para nosso próprio bem».

O Sr. Brigadeiro Esteves Pereira prestou compromisso como Escoteiro de Portugal

Voltou a usar da palavra o sr. dr. Eugénio Ramos, que abordando o tema «Escoteiro de direito e Escoteiro de facto», disse ser intérprete de uma sugestão que lhe foi apresentada com referência ao sr. brigadeiro Esteves Pereira que, pela sua dedicação à nossa Fraternal e ao Movimento, pelo seu coração, era de facto Escoteiro. Porém, faltava-lhe para o ser de direito o compromisso de honra e, assim, convidava, com o consentimento unânime dos presentes, o sr. brigadeiro Esteves Pereira a prestar o seu compromisso de honra. Foram momentos de emoção em todos os presentes, aqueles em que o novo Escoteiro prestou o seu Compromisso, que foi recebido pelos dois companheiros mais antigos entre os presentes, respectivamente Humberto Martins, à bandeira nacional, e John Westwood à bandeira da Fraternal. Seguiu-se a imposição do lenço ao novo companheiro e toda a assistência cantou em coro: «Para mim és um bom companheiro».

Pág. 7 ——→



Meu caro Escoteiro:

Acho muito interessante a tua sugestão, meu caro Escoteiro, mas não sei dizer-te porque não se tem feito a Semana do Escoteiro em Portugal. Não é só no Brasil que esta comemoração é anualmente feita, pois é seguida com vantagem em diversos países, que promovem a par de uma grande campanha de propaganda através da Imprensa, da Rádio e da Televisão, actividades escoteiras, boas acções e outras iniciativas cheias de brilho e de mocidade.

Felicito-te, pois, pelo teu interesse. Mas tu também podes contribuir para a realização dessa iniciativa. Prepara a tua Patrulha para participar com eficiência nesse empreendimento, contagia o teu Grupo desse mesmo entusiasmo e promove a Semana Escoteira no teu Bairro. Aproveita para isso a data do Jubileu da A. E. P. Quem sabe se outros grupos irão em vosso apoio e se a ideia se desenvolverá por todo o país?

Mãos à obra e conta sempre com o

LOBO VELHO

A VIDA DE BADEN-POWELL



Biografia compilada pelos escoteiros Luís Filipe Gomes e Rui Horácio Macedo e dedicada a escoteiros da 2.ª classe.

(Continuação)

Tais excentricidades dificilmente lhe eram perdoadas. Entretanto os acontecimentos na África do Sul começaram a perturbar a Inglaterra e o Regimento de B. P. foi enviado para a cidade do Cabo.

Pouco depois, nos caminhos de Drakenburg, numa cadeia de montanhas que estava em poder dos boers, começou a aparecer um viajante — era B. P. irreconhecível.

Assim percorreu 1.000 quilómetros, fazendo uso dos seus talentos de desenhador, para tomar nota das posições inimigas. Logo que terminaram as suas provas como agente de reconhecimento, o Ministério da Guerra enviou-o à Alemanha e à Rússia, onde, disfarçado, conseguiu fazer esboços dos postos inimigos.

Os russos estavam por essa época experimentando, perto de São Petersburgo, um novo material aéreo: balões de observação. B. P. teve a audácia de entrar no forte, cumprimentando toda a gente, como se fosse da casa. Mas, ao fim de algumas visitas, foi conduzido à prisão, de onde mais tarde se evadiu.

No ano seguinte, estava na Alemanha caçando borboletas... Por estranho acaso, estas voavam sempre em redor dos fortes e posições militares...

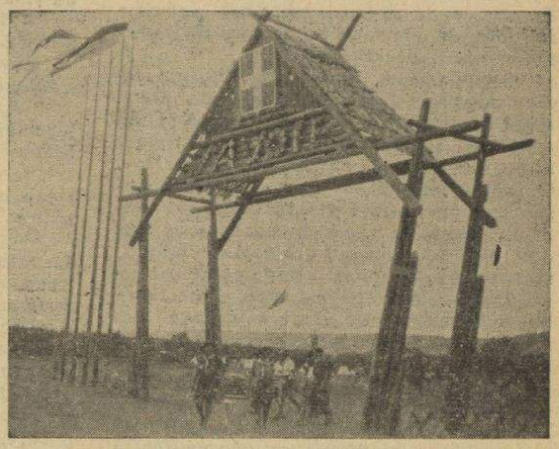
As suas aventuras não têm conto. Tão depressa combate os Zulos na África do Sul, como participa numa caçada aos hipopótamos na África Portuguesa. Depois é nomeado agente de informações no Mediterrâneo e recomeça a caça às borboletas, dessa vez em redor dos fortes balcânicos...

Na Costa do Ouro é encarregado de organizar um exército negro e avança contra a tribo rebelde dos Ashantis. Depois de sete dias de marcha forçada, através da selva, consegue enfim submeter os Ashantis.

Foi por essa época que B. P. adoptou o famoso chapéu que havia de o tornar célebre e o trajo de Bufallo Bill, por ser o mais prático para as suas andanças na selva.

——→

O VALOR DOS PÓRTICOS NOS ACAMPAMENTOS



Um pórtico do Jambori da França.

Um dos grandes trabalhos de pioneirismo que os escoteiros podem executar, são os pórticos de campo.

Além do valor artístico que muitas vezes apresentam, fica-nos, ainda, o trabalho técnico apresentado por cada escoteiro.

Exigem os pórticos um grande conhecimento de nós, ligações e até um pouco de geometria e matemática, de maneira que só escoteiros experientes se devem aventurar a fazê-los.

Este ano comemora-se o Cinquentenário da A. E. P., não sabemos se algum acampamento irá realizar-se; de qualquer maneira, devemos preparar-nos para apresentar algo de interessante, caso surja alguma actividade.

Que tudo o que se faça não seja *para inglês ver*, de modo que cada grupo deve começar já a traçar o seu plano, para não estar no campo a *inventar* qualquer coisa.

A gravura apresenta um pórtico de subcampo dum Jambori. Reparem na proporção entre os escoteiros e o ponto mais alto... Um trabalho desta envergadura exige cálculos, esforços coordenados e boa-vontade.

Um pórtico não é qualquer coisa, deve representar algo relacionado com o próprio acampamento ou com quem acampa.

Temos notado em muitas actividades os escoteiros enfeitando o campo com pedrinhas, ervinhas, cordéis, brincando aos escoteiros. Admite-se isto numa patrulha muito tenrinha com escoteiros de 11 ou 12 anos, o pior é que o mal se propaga aos mais velhos.

Cabe aos chefes, aos guias de patrulha experientes e aos escoteiros com aptidões, acabar com este estado anormal de coisas e incentivar as construções de pioneirismo.

No campo da Costa da Caparica, existe material suficiente para treino destas actividades. Porque não se faz um pórtico interessante para a entrada do campo, outros em determinadas zonas, visto que estão construídas estradas dentro dele? Não vamos com certeza esperar que se contratem homens para fazê-los, não é assim?

Preparemo-nos, pois, para obras deste género e... mãos à obra.

PATA DE LOBO

N. da R. — *Chamamos a atenção dos nossos leitores para a transcrição acerca de trabalhos de pioneirismo que publicamos na página 6.*

Um Jogo de vez em quando

Caçador com bola

Este jogo destina-se a ser praticado no campo, numa clareira, ou num local amplo destinado a exercícios ou outros jogos, cujas dimensões devem ser adequadas ao número de participantes.

MATERIAL: Uma bola de andebol, voleibol ou basquetebol.

PARTICIPANTES: Os Escoteiros de uma, duas ou três patrulhas. Estes dispersam-se pelo campo.

DESENVOLVIMENTO: Um dos Escoteiros será o caçador e está de posse da bo-

——→

JUBILEU DO ESCOTISMO PORTUGUÊS



Em fins de 1921, partiu de Inglaterra com destino ao Polo Sul uma expedição, a terceira que se realizava àquelas paragens, organizada e dirigida por Sir Ernest Shackleton, que seleccionou dois escoteiros para tomarem parte na arrojada expedição. Foram escolhidos, entre dez recomendados, Norman E. Mooney, de Kirkwall, ilhas Orkney, e J. W. S. Marr, de Aberdeen, Escócia. Eram ambos guias de patrulha, sabiam nadar muito bem, eram inteligentes, alegres e corajosos. Na viagem de ida, o barco tocou em Lisboa e o sr. Roberto Moreton, infatigável presidente do Grupo 1, conseguiu que visitassem a Associação Cristã da Mocidade e ali fossem recebidos pelos Escoteiros de Portugal. Na gravura vêem se, sentados na primeira fila e da esquerda para a direita, o escoteiro J. W. S. Marr, o médico de bordo em representação de Sir Ernest, *D. Isabel Grau Tovar de Lemos* e seu marido, *sr. dr. Tovar de Lemos; Joaquim Amâncio Salgueiro Jr.*, escoteiro N. E. Mooney, *Roberto Moreton*. Na fila atrás: Sebastião Lino (hoje em Lourenço Marques), Alberto Lima Basto, *Franklin de Oliveira*, Dr. Dinis Curson, um não identificado, Luís Grau Tovar de Lemos, Dr. Ernesto Moreira, João Maria Magalhães Ferraz. Na terceira fila: Aníbal Vieira, Albano da Silva, *Jacinto Sobral Martins*, *Fernando Vilar Castel-Branco*, Sigvald Wiborg, Henrique Alves Casquilho, outros dois não identificados, Artur Ferreira do Carmo, Carlos Jacob. Na quarta fila: António Oliveira Correia, António Afonso (em Angola), António Santos Prates, Carlos Worm Costa, dois não identificados, *Halvor Wiborg* e João Clímaco do Nascimento. Na quinta fila: Álvaro Vieira, *Marcos Mata*, Gustavo Moreira, João Pedro de Figueiredo, e elemenmentos do grupo 5 não identificados, sendo um deles Mário Fernandes, aquele que está na ponta. (Os nomes em itálico referem-se a saudosos amigos que sabemos terem já falecido).

la procurando «matar» a caça constituída pelos seus companheiros, que devem trazer um distintivo, que pode ser substituído pelo lenço de escoteiro, e que lhes será tirado quando sejam «mortos».

Ao atingir o primeiro jogador, o caçador poderá deslocar-se com a bola na mão. O jogador que foi tocado com a bola transforma se também em caçador, não podendo desde esse momento os caçadores deslocar-se com a bola na mão. Assim que um caçador recebe a bola tem imediatamente de parar e procurar acertar num dos fugitivos ou passar a bola a outro caçador que esteja melhor colocado Os caçadores que não estiverem de posse da bola e os outros jogadores devem estar em contínuo movimento, procurando a melhor posição para o ataque e para a defesa, conforme os casos.

O jogo acaba quando falta apenas «matar» um Escoteiro, que será considerado o vencedor.

A VIDA DE BADEN-POWELL

←

Escreveu muitos livros com desenhos, relatando as suas aventuras. Entre eles um curso de instrução: «Reconhecimento e escotismo».

Nesse manual explica como é possível encontrar um caminho, tirar pontos de referência, interpretar todos os sinais, fazer esboços, viver como Robinson. Exige dos seus homens qualidades excepcionais: sentido de observação, rapidez de decisão, domínio de si próprio, habilidade e bom humor.

O livro apareceu em 1893 e teve uma repercussão tremenda: Muitos países pediram milhares de exemplares. Entretanto estalava a guerra do Transval. B. P. recebeu a missão de defender Makefing, pequena cidade de interesse estratégico, cercada por 3 000 «boers» perfeitamente treinados e armados.

Mas B.P. não se deixou impressionar. Certa noite abandonou em campo raso dois vagões de dinamite, que explodiram sob os tiros do inimigo e semearam o pânico nas suas fileiras. Depois fez construir projécteis de acetilene, aproveitando velhas latas de conserva que durante a noite se deslocavam de um lado para o outro, fazendo assim acreditar ao inimigo deslocações de tropas.

Durante a noite, saía ele próprio em reconhecimento, merecendo assim o nome que os negros lhe tinham dado—«o lobo que nunca dorme». Viam-no constantemente tentando levantar o moral das tropas.

(Continua)

NO JUBILEU DO ESCOTISMO

O Grupo n.º 3—hoje apenas uma tradição e uma saudade—foi fundado há 50 anos

Deve-se à gentileza e colaboração do nosso dedicado amigo e assinante Sr. Gustavo Pereira da Costa, antigo escoteiro do Grupo 3, parte dos elementos informativos que nos permitiram fazer esta evocação. Foi ele quem junto doutros companheiros daquele Grupo, particularmente do Sr. Eng.º Frederico Oom, conseguiu estes informes, pelos quais estamos muito gratos.

Não nos foi possível saber a data exacta da fundação do Grupo n.º 3, anexo ao Liceu Pedro Nunes, de que era Reitor o grande Pedagogo e Mestre Dr. António Joaquim de Sá Oliveira. Os seus arquivos não existem. Parece terem sido destruídos em obediência a ordens emanadas de espíritos mesquinhos e intolerantes. Era preciso fazer desaparecer tudo o que a Escotismo se referisse. Porém, o Grupo n.º 3 não pode esquecer fàcilmente àqueles que pelas suas fileiras passaram ou mais de perto estiveram em contacto com essa plêiade entusiasta de jovens, que na vida nacional ocupam hoje posições de relevo.

Desapareceu o arquivo, mas nós aqui estamos hoje a gritar que o Grupo n.º 3 foi uma unidade que prestigiou o Escotismo Nacional e contribuiu eficientemente para a formação de caracteres que honram a Pátria Portuguesa e têm servido as Letras, as Artes, as Ciências.

O Grupo n.º 3 foi criado ainda em 1912 com a designação de «Grupo de Boy Scouts», pois só em 1913, com a Fundação da Associação dos Escoteiros de Portugal, se adoptou a designação de Escoteiro — com O — palavra genuìnamente portuguesa, que os fundadores entenderam, e bem, traduzir o termo «Scout».

O Grupo tinha nessa altura seis patrulhas: Águia, Cão, Cavalo, Galo, Melro e Pombo. Só este enunciado dá imediatamente ideia do valor desta unidade. Foi seu Escoteiro-Chefe o Sr. João Nolasco, que já conhecia o escotismo de Macau, de onde era natural. O Grupo de Macau, portanto, apesar de colocado a tão grande distância, não deixa de produzir aqui os seus frutos.

Foram depois Escoteiros-Chefes os srs. Alfredo Barbieri Cardoso, estudante de medicina; Henrique Carlos de Moura, estudante de agronomia; e Alexandre Borges, estudante de engenharia, que foi autor de um livro sobre Escotismo publicado na colecção Livros do Povo, vendido ao tempo por cinco centavos cada exemplar. Infelizmente já faleceram todos estes companheiros e para eles vão as nossas homenagens e saudades. O Eng.º Henrique C. Moura, falecido há poucos anos, foi um amigo dedicado e interessado de «Sempre Pronto».

O Grupo n.º 3 desenvolveu nos primeiros anos da sua existência uma grande actividade, colaborando intensamente com os grupos n.os 1 e 2. Os seus Escoteiros prestaram serviços relevantes, com rapazes de outros grupos, na revolução do 14 de Maio e no incêndio do Arsenal. Ficaram na memória de todos e são recordadas com saudade as colónias de férias na Serra da Arrábida, em condições tão diferentes daquelas que hoje ali se disfrutam. Esses acampamentos prolongavam-se por duas ou três semanas.

A «Ilustração Portuguesa», excelente revista da época, dedicou uma página do seu número de 25 de Maio de 1914 aos «Escoteiros do Liceu Pedro Nunes». Vêem-se ali interessantes fotografias de actividades do Grupo n.º 3 e uma apresentação elogiosa: *Nos liceus tem-se tentado desenvolver largamente essa tendência utilíssima e que tanto contribui para o rejuvenescimento da raça, destacando-se entre eles o grupo formado no liceu Pedro Nunes, que tem o número três.*

Com boas vontades indiscutíveis, à força de trabalho e perseverança, conseguiu-se já muito e isso ficou comprovado na forma como decorreu a excursão feita a uma quinta a quatro quilómetros do Seixal.

E termina depois de esclarecer que *os «clichés» que acompanham estas linhas foram tirados pelo guia do grupo, o distinto estudante sr. Oom.* O estudante sr. Oom era o fotógrafo do grupo, é hoje o Sr. Eng.º Frederico Oom.

Conhecemos melhor a data do encerramento do Grupo. Foi em 23 de Agosto de 1920. Uma Comissão Liquidatária constituída pelo antigo chefe Eng.º Henrique Moura, escoteiros Vasco Gomes da Silva e Carlos Nunes Botelho, o hoje distinto artista pintor Carlos Botelho, publicaram um comunicado com as derradeiras deliberações. A 2.ª e 3.ª deliberações diziam que se tinha resolvido:

Elaborar um pequeno regulamento do Grupo formado pelos antigos escoteiros, que terá o fim de manter os laços de estima e solidariedade

——→

O treino de pioneiros como factor educativo

Ouvimos afirmar, talvez com fundamento, que muitos grupos de escoteiros de entre nós reduziram a sua acção a trabalhos de sede onde se faz demasiado apelo à palavra, com fins de propaganda muitas vezes, e se abandona a actividade de campo, os trabalhos de pioneirismo, a vida dura do bosque e da serra. Se assim é, parece-nos útil escutar os conselhos avisados de J. Guérin-Desjardins, conhecido e prestigioso dirigente do Escotismo Francês.

A maior parte dos métodos de educação do carácter confiam demasiadamente na palavra; fàcilmente imaginam que é suficiente dizer a uma criança o que ela deve ser para que se torne efectivamente assim. Não parecem ver — o que no entanto salta aos olhos do observador atento — que as palavras escutadas não são educativas por si próprias, a não ser quando são seguidas de actos.

É o acto que é formador do carácter; só o acto põe em movimento o sistema nervoso, maneiras de ser; só o acto deixa em nós traços que, como dizia o velho Montaigne, se tornam «compleição e hábito». Foi por isso que Baden-Powell, ao criar o Escotismo, não sugeriu simplesmente ao jovem que fosse enérgico, engenhoso, perseverante, serviçal, mas deu-lhe *um programa de actividades*, graças ao qual pode praticar a energia e a perseverança, a engenhosidade e o serviço dos outros.

Só fazendo passar o rapaz por esta série de actividades, só levando-o a praticar correntemente, é que o Chefe Escoteiro pode alimentar a esperança de obter um resultado real. Fora disso, não passa de palavras.

Entre todas as actividades escoteiras, os trabalhos de pioneiro contam-se entre os mais educativos, porque são aqueles que reclamam mais esforços. Exigem espírito de invenção e de expediente; obrigam à paciência e à tenacidade; pedem reais esforços físicos; habituam ao trabalho consciencioso e bem feito; exercitam o trabalho solidário seguido com disciplina e com o sentido da colectividade; incitam a trabalhos desinteressados podendo «servir».

Nada poderá ser portanto mais eficaz para cultivar certas qualidades de carácter do que fazer passar Escoteiros e Caminheiros por um verdadeiro *treino* no pitoresco ofício de «pioneiro». De resto, não

——→

Grupo n.º 3

que sempre existiram entre os escoteiros do Grupo n.º 3, que agora se extingue, promovendo anualmente um passeio ou jantar ou qualquer outra forma de reunião.

Que os escoteiros que ficam constituindo esse grupo são os seguintes: Henrique Moura, Frederico Oom, Jorge Oom, Francisco Rocha, Gomes da Silva, Carlos Botelho, Alexandre Borges, Luís Benavente, Pedro Nunes, José Rocha, Campos Pereira, Roussado dos Santos, Magalhães, Pereira da Costa, A. Batalha Reis, E. Batalha Reis e A. Mello Correia.

Parece que uma resolução desta natureza estaria condenada ao esquecimento e seria letra morta. Era porém tão intensa a amizade dos rapazes do «Três», que, 43 anos mais tarde, ainda se mantém a tradição. Os «rapazes» do «Três» encontram-se todos os anos numa reunião de amizade e de saudade. Além dos nomes já citados, a que hoje deveríamos acrescentar os títulos, engenheiros, arquitectos, generais, doutores, artistas, etc., outros costumam acorrer à chamada: Prof. Dr. João Faria Lapa, General Avelino Barbiére Cardoso, Coronel Alberto Barbiéri Cardoso, Mário Vicente Ribeiro, Conde de Bobone, Eng.º Álvaro Bobone, Prof. Mário de Sousa Gomes, Almirante Vasco Lopes Alves, Dr. Manuel Bento de Sousa, Eng.º José Campos Pereira, Teves Costa, Cap. Albano Duarte Neves, Ten. Cor. José Marques Cunha, etc. etc.

No ano do Jubileu, merece a pena recordar a fundação do Grupo n.º 3. Os Escoteiros dos dias de hoje, olhando a obra realizada pelos pioneiros de três grupos apenas.—o Um, o Dois e o Três—poderão encontrar estímulo para promover agora igual surto de progresso e desenvolvimento. Como outrora será preciso fé, entusiasmo e sinceridade.

* * *

Mais tarde, em 1933 e 1934, o Grupo n.º 3 ressurgiu sob a chefia do Sr. Dr. Ayala Boto. Ainda compareceu em muitas actividades e na recepção a B. P., mas teve vida efémera. O Grupo 3 estava reservado para a saudade.

Boy Scouts World Bureau

Repartição Mundial de Escotismo

Na 18.ª Conferência Mundial de Escotismo realizada em Lisboa, em 1961, a organização mundial de Escotismo adoptou o termo MUNDIAL para a Conferência, Conselho e Repartição, em vez de INTERNACIONAL. Há, porém, ainda muitas Associações e publicações escotistas que ignoram este facto ou se esquecem de substituir as placas de endereços respectivos. A todos portanto lembramos que a forma correcta de se dirigir àquelas entidades é

Boy Scouts World Bureau
Boy Scouts World Conference.
Boy Scouts World Comitee.

"Um Escoteiro . . . Prémio Nobel da Paz,,

A importante «Revista Scout de las Americas» órgão do Conselho Interamericano de Escotismo, transcreveu em português este artigo da autoria do nosso saudoso colaborador Manuel Ferreira. Agradecemos a atenção e cumprimentamos o seu Editor, o nosso amigo Sr. Eng.º Salvador Fernández Bertran.

Treino de pioneiros

é difícil de fazer desejado este treino, porque há na tarefa de pioneiro qualquer coisa de romanesco que se concilia admiràvelmente com o gosto aventureiro dos adolescentes. (. . .)

J. GUÉRIN-DESJARDINS
(Antigo Comissário Nacional dos «Eclaireurs Unionistes de France»)

Do prefácio do excelente manual «Nœuds et Passerelles» de René Morley.

O Concurso do Mês

Não recebemos qualquer resposta ao concurso do mês, que publicámos no número passado. O facto não nos causa admiração. Naturalmente todos os nossos leitores escoteiros acharam a resposta tão fácil que não tiveram interesse em enviar a solução.

De facto assim é: Para o escoteiro todos os lugares nos transportes públicos estão reservados para serem prontamente cedidos a inválidos, pessoas idosas de ambos os sexos, senhoras com crianças ao colo e a todos aqueles que, por qualquer razão, estão fisicamente inferiorizados.

Conforme o Escoteiro indica no seu gesto de saudação, *o forte protege o fraco*. Portanto, a lei que reserva dois lugares nos autocarros a favor de inválidos não tem significado para o Escoteiro, porque este é o primeiro a levantar-se para oferecer o seu lugar nessas circunstâncias e faz questão de ter prioridade nesse acto de cavalheirismo.

II

Qual é o nó com que se inicia uma atadura?

Qual é o nó com que se termina uma atadura?

Uma atadura é um trabalho de pioneiro como seja um cruzamento, um cavalete, uma maca, um pórtico.

Teremos uma pequena lembrança para todas as respostas certas que recebermos.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

ALBANO DA SILVA

Em viagem de turismo, mas aproveitando para visitar os elementos interessados na reorganização dos Escoteiros de Portugal no Funchal, partiu no dia 23 do corrente para aquela cidade e Canárias, a bordo do navio *Funchal*, o nosso estimado amigo Sr. Albano da Silva, dedicado Secretário-Geral da Associação dos Escoteiros de Portugal. Desejamos-lhe excelente viagem.

Dos amigos do «Sempre Pronto»

De Luto — Encontram-se de luto pelo falecimento de seu pai ocorrido em 16 do corrente, jornalista sr. Manuel Faria de Sousa Calvet de Magalhães, os antigos escoteiros e nossos estimados amigos srs. dr. Manuel Maria de Sousa Calvet de Magalhães, ilustre e dedicado director da Escola Técnica Elementar de Francisco Arruda; e Nuno de Sousa Cabral Calvet de Magalhães, professor da Escola C. e Industrial de Silva Porto (Angola). Sentidamente lhes apresentamos as nossas condolências. O nosso jornal fez se representar no funeral pelo nosso jovem colaborador Luís Filipe Gomes.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Pág. 3

Na observância das tradições escoteiras, os «Antigos» presentes fizeram solene ratificação do Compromisso de Honra como é norma do Dia de S. Jorge. Novamente o sr. dr. Ramos usou da palavra para dirigir ao Escoteiro Leonildo de Jesus Rodrigues, que se encontrava uniformizado de soldado expedicionário e em véspera de partida para o Ultramar, a quem expressou a convicção de que saberia honrar as suas qualidades escoteiras e saberia honrar a Pátria, terminando por lhe desejar feliz regresso.

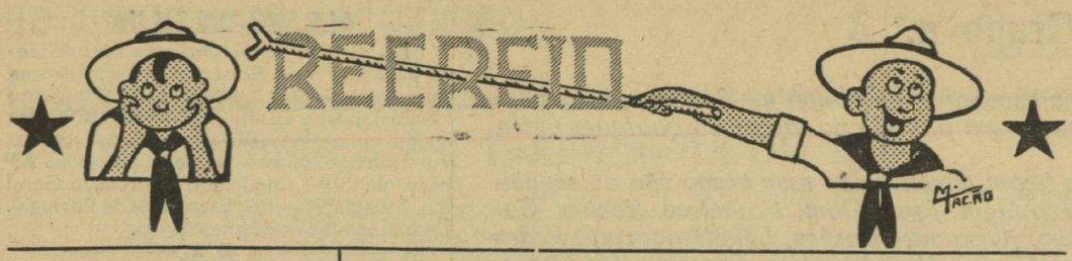
O companheiro Daniel Correia comunicou que sua esposa, ausente em Inglaterra, havia expressamente escrito para desejar a todos, no dia de S. Jorge, uma reunião feliz. A reunião acabou com os *bravos* e *bravíssimos* de cunho escoteiro. Na sede da Fraternal, o sr. eng.º Nobre Santos passou interessantes diapositivos a cores de actividades escoteiras no Campo Escola de Caparica e de Gilwell.

Estiveram presentes os companheiros John Westwood, Eugénio Ribeiro Nunes e esposa; Daniel Correia, Quintino Pinheiro, Humberto Martins, Albano da Silva, eng.º Nobre Santos, dr. Eugénio Ramos, Alfredo Gallis, esposa e filha; D. Maria Luísa Esteves Pereira e esposo; Rui da Silva Paulo e esposa; Ernesto Clímaco do Nascimento e esposa; Luís Alves Miguel, José Dionísio dos Santos, esposa e dois filhos; Júlio de Almeida Nogueira, Mariano Inácio e esposa; Madeira Leitão, Leonildo Rodrigues, Amândio Moreira Dias, João H. P. Soares, António Cunha, W. Karl, Jaime Rodrigues Ferreira, Levi A. Lobato, Joaquim Martins Lobato, Alex F. Casulo, Luís António dos Santos e esposa Luís Simões Aurelio e esposa.

Comemoração do Dia Escoteiro em Vila Real de Santo António

O dia de S. Jorge, patrono mundial dos Escotismo, foi comemorado pelo Grupo 60, de Vila Real de Santo António da Associação dos Escoteiros de Portugal, com reunião geral na sede. Prestaram compromisso de honra os aspirantes Arnaldo José Félix de Lima, que passou a fazer parte da Patrulha «Pouna» e João António da Luz de Sousa, que ingressou na Patrulha «Águia». A esta última Patrulha, por haver vencido o 2.º trimestre do Concurso Jubileu do Escotismo Português, foram entregues os prémios correspondentes. Recebeu o distintivo de 2.º classe, cujas provas concluí, o escoteiro Domingos Raimundo dos Santos e a 6.ª insígnia de capacidade o guia Romualdo Pescada.

Foram ainda entregues prémios aos escoteiros que de harmonia com o regulamento do Concurso de S. Jorge mais se distinguiram durante o ano por acções altruistas, respectivamente, António Filipe Félix de Lima, José da Silva Solá, António Mário Ribeiro e António Raimundo dos Santos.



Soluções do n.º de Fevereiro

PROBLEMA DE CABELOS

Calcula se que uma cabeça tenha um máximo de 150 000 cabelos e, portanto, um número inferior a 500 000. Desde que se considere um número de pessoas excedendo este número admitido como máximo dos máximos, é CERTO que há pelo menos duas pessoas consideradas que têm o mesmo número, ainda que se admita, o que é absurdo, que cada uma das 500 000 pessoas supostas tenha um número diferente de cabelos. Um raciocínio semelhante permitir-nos-ia afirmar que desde que se trata de pelo menos 5 milhões de pessoas haverá diversos indivíduos com o mesmo número de cabelos. Isto não significa, embora seja improvável, que não possa acontecer que não haja nenhuma com 131 201 cabelos, número este tomado ao acaso.

UMA NOTA FALSA

Perdeu 43$00 em mercadoria e 7$00 em dinheiro.

PALAVRA QUADRADA

PAPAR
ABAFA
PAGAM
AFAGA
RAMAL

ADIVINHAS

I — Sino
II — Meia

PROBLEMA POLICIAL

O suspeito foi o Castro, porque não poderia ter guardado o cheque entre as páginas 201 e 202, porquanto estas pertencem à mesma folha.

Escoteiros em Anedotas

Um escoteiro, que não sei se ainda pertence ao movimento, perguntou um dia ao seu chefe de grupo, no final da reunião:

— Que foi que eu aprendi hoje? É que os meus paizinhos sempre me fazem esta pergunta.

O redactor do nosso jornal, ao escrever o "Problema Policial", veio-lhe à mente uma anedota que nos contou:

— O senhor é acusado de ter assassinado a vítima para lhe roubar o relógio. Tem alguma coisa a alegar em sua defesa?

—Tenho, sim senhor, queria saber as horas.

A ÚLTIMA DO MÊS

Um escoteiro com a insígnia de naturalista pergunta ao guarda de uma estufa:

— Esta planta pertence à família das umbelíferas?

— Não senhor; pertence à Municipalidade!

SECÇÃO POLICIAL

Depois de darmos a introdução à segunda parte desta secção (a primeira foi de «Problemas policiais») vamos estudar alguns cuidados a ter quando deparamos com a cena de qualquer crime ou nele tomarmos parte indirectamente.

Claro está que não pretendemos aqui dar nenhum tratado de estudos criminais ou algo semelhante. Não! O que vamos aqui relatar são alguns conselhos, exemplos, regras ou textos, em síntese, de obras do género.

Pois bem, suponhamos que aos gritos de SOCORRO duma vítima, um escoteiro no desejo de ser útil ao seu semelhante entra no local do crime.

Que fazer?

— A primeira coisa que nos ocorre, como é óbvio, é tentar socorrer os feridos, mas devemos ter em mente certos factos além das duas regras básicas que conhecemos:

Primeira: Chamar um médico.

Segunda: Chamar a polícia.

Estas duas regras, já do nosso conhecimento, são, além de tudo, um exemplo a verificar, pois que, apesar de todas as especialidades que possamos ter de primeiros socorros, nunca podemos saber tanto como o médico e não lhe devemos complicar a vida, mas sim simplificá-la; a segunda regra dá-nos o exemplo de autoridade pois que, apesar de algumas aparências contrárias, são-nos bastante úteis os polícias, pois não faltam infelizmente casos em que perdem a vida para nos salvarem dos mais diversos perigos.

Os outros factos que devemos ter em mente são poucos, muito embora tenham muitas divergências que são mais para se compreender do que para inumerar.

Vejamos o caso da localização e identificação do criminoso:

Um criminoso, mesmo o mais inteligente, deixa sempre rasto da sua passagem, portanto, e como é óbvio, devemos ter os maiores cuidados para que não façamos nada que impeça os peritos de o localizar e identificar.

Quem não conhece a história duma mulher de limpeza que, ao ver o desarranjo dum quarto roubado, o arrumou, limpou e encerou e só depois chamou a polícia para descobrir os ladrões.

Claro que o Escoteiro nada disso faria e uma coisa já sabemos:

Antes da vinda da polícia, devemos tocar o menos possível nos objectos que rodeiam o local.

Por exemplo: Não devemos tocar em armas, nem retirá-las sem prèviamente serem feitas fotos ou croquis representando o local.

Será bom lembrar que possuir uma ou duas moedas de 50 centavos salvará muitas encrencas, assim como papel para apontamentos e lápis ou caneta. Estes cuidados aliados ao poder do treino escotista de poder fixar nomes, números de telefone e rostos de suspeitos nada fará melhor ajuda ao inspector de serviço.

Para terminar, vai uma definição humorística de criminoso:

É um indivíduo rodeado de alibis por todos os lados.

No próximo número continuaremos a falar da nossa intervenção na cena de um crime — Pegadas e dactiloscopia.

Até sempre.

«INSPECTOR Z»

3.ª COLUNA

a tal que vai dar que falar!

■ Hoje em dia quem é que não canta? Todo o mundo canta desde as cantigas alegres às tristes, desde o «twist» ao «Limbo».

Pois, como sabemos isso, vamos ao tal cinismo que este repórter de serviço «EU» (um criado às vossas ordens!—Não agradeçam, podem ficar sentados) costumo dar a esta coluna, a tal que vai dar «MUITO» que falar e que cantar.

Perguntas Cínicas é o título do artigo de hoje e para cada pergunta uma cantiga,— toca a viola ó Manel!

■ Existirão grupos de escoteiros cujas patrulhas já tivessem saído para o campo, a fugir destas inúmeras gripes?

■ Quantos escoteiros haverá por aí com a insígnia de 1.ª classe?

«...Ena tantas, tantas... tantas!» (música de fundo duma revista em voga).

■ E com respeito a Cordões de Mérito?

«Tudo isto é triste!... tudo isto é triste!...» (fado muito choradinho).

Até já ouvi falar em excesso de trabalho nas fábricas de fiação

■ Porque é que o uniforme dos escoteiros da A. E. P. em Lisboa é preto e verde e no Porto é «caqui»?

(É natural, está tudo desafinado...). («Desafinado», Bossa Nova).

■ Como comemorará a A. E. P. o seu Jubileu Escotista?

«Quem sabe, sabe! conhece bem!» (samba, só de dois ou três).

■ Aos nossos correspondentes estrangeiros interessados no assunto informamos já que não percam o costumado «Fogozinho do conselho... de Lisboa» não passa daquilo, e diz que vai ser um festival "Bossa Nova" ai não que não vai!

■ Para terminar vai aquela definição do S. M. U. de quem o vê cá detrás: Uma Miséria... Simplesmente!

Mas também aqueles que o vêem cá de fora costumam dizer:

Sem Material Uniformizado. «Será que eu sou «mentiroso»? Não é não senhor!»

O Repórter (muito cínico) de Serviço

NADA!?

Os extremos tocam-se. Em alguns casos, tudo é igual a nada. Quem fica sem tudo que tem, fica sem nada.

Só pode ficar sem nada quem tem nada.

Ter nada é nada ter. Mas quem nada tem não pode ficar sem nada, porque do nada, nada se tira.

D. Alberto Bramão